



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ – UESC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO – PPGE**  
**FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**



---

**JANUSIA SOUZA AQUINO**

**LÚCIA FERNANDA PINHEIRO COIMBRA BARROS**

**A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA EM DIFERENTES NÍVEIS DA  
EDUCAÇÃO BÁSICA: UM TRAJETO DE (DES) ENCANTAMENTO?**

**CADERNO DIDÁTICO-LITERÁRIO**

Caros(as) professores(as),

Apresentamos a seguir, o caderno didático-literário é fruto da pesquisa “A escolarização da literatura em diferentes níveis da educação básica: um trajeto de (des) encantamento?”, realizada no contexto do Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-graduação em Formação de Professores da Educação Básica (PPGE). Nosso objetivo com este material é apresentar alguns subsídios teóricos e práticos para o professor refletir sobre sua prática de ensino de literatura, e ressignificar essa prática, caso veja necessidade.

Ele é composto de três partes: uma sequência didática para ser aplicada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com base no poema “O sapo”, de Ferreira Gullar; uma sequência didática para ser aplicada nos Anos Finais do Ensino Fundamental, com base no poema “Pomar”, de Henriqueta Lisboa; uma sequência didática para ser aplicada no Ensino Médio, com base no texto dramático “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare.

Para entender as sequências didáticas, é importante saber que elas: i) foram elaboradas a partir dos quadros teórico-metodológicos da sequência básica

(motivação, introdução, leitura e interpretação) e da sequência expandida (motivação, introdução, leitura, 1ª interpretação, contextualização, 2ª interpretação e expansão) (Cosson, 2007) e da leitura subjetiva e ensino de literatura (Rouxel, 2013); ii) trazem as respostas e orientações para o professor em fonte na cor azul principalmente, nas laterais das atividades para o aluno; iii) podem sofrer cortes ou acréscimos em função do diagnóstico que o professor tem de sua turma.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM VOCÊS, O SR...

(Anos Iniciais do Ensino Fundamental)

## Com vocês, o Sr...

1. PREPARE-SE! VAMOS BRINCAR COM PALAVRAS EM UM POEMA QUE FALA SOBRE UMA ORQUESTRA DE...

( ) BARATAS ( ) COELHOS

( X ) SAPOS ( ) TATUS

• FALE PARA OS COLEGAS: EM QUE VOCÊ PENSOU PARA RESPONDER A QUESTÃO?

2. VOCÊ VAI MONTAR UM QUEBRA-CABEÇA, PARA DESCOBRIR SE RESPONDEU A QUESTÃO 1 CORRETAMENTE. SIGA AS INSTRUÇÕES DA PROFESSORA.



3. AGORA, ESCUTE O POEMA QUE SEU PROFESSOR VAI LER: VAI SER MUITO DIVERTIDO!

1. Professor, a questão 1 é de levantamento de hipótese e de exploração de conhecimento prévio, pois, para dar seu upalpite, o aluno deverá considerar que, dentre os animais citados, apenas o sapo é conhecido pela "cantoria". Não faça a correção da atividade, pois os próprios alunos farão isso, realizando a atividade 2.

2. Professor, prepare previamente quatro quebra-cabeças cuja imagem formada seja a de um sapo, de preferência tocando um dos instrumentos mencionados no poema de Gullar. Divida a turma em quatro grupos e peça a eles que montem o quebra-cabeça. Depois, peça a eles que respondam se acertaram ou não a questão 1.

3. Por que esse poema do sapo é bom? Principalmente, por sua sonoridade – aliterações e rimas. Na faixa etária das crianças, é importante que elas leiam para se divertir, não somente para responder a um conjunto de perguntas. O importante é que elas experimentem o poema. Por exemplo: você pode propor às crianças fazer uma orquestra de sapos – os sapos cantando em diferentes sons e tons. É preciso potencializar a imaginação: elas podem ser convidadas, por exemplo, a pensar sobre o pulo do sapo, que é plástico, tem sua beleza.

Você pode começar fazendo uma leitura expressiva do poema para as crianças. Se quiser, siga as orientações:

1ª estrofe: leia o 1º verso com uma voz solene, empostada, para recriar a imagem do senhor Sapo se apresentando; leia o 2º verso com uma voz empolgada, dando um salto quando lê "bom de pulo", e pegando na garganta quando lê "bom de papo";

2ª estrofe: leia o 3º e o 4º versos pegando na

garganta e saltando ao mesmo tempo (ao falar “João do Pulo” e “João do Papo”, aumente o tom de voz);

3ª estrofe: leia o 5º verso recriando um tom de cuidado; leia o 6º verso imitando uma voz rouca;

4ª, 5ª, 6ª e 7ª estrofes: leia o 7º verso com um tom afirmativo na voz; leia os versos 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14 sem pausa entre eles; ao ler o 12º verso, use uma voz grave em “um som fechado”, e uma voz aguda em “outro aberto”; use também uma voz grave na leitura do 13º verso e uma voz aguda na leitura do 14º verso.

8ª estrofe: leia os versos dessa estrofe com uma voz animada, em tom de anúncio comercial.

## O SAPO

AQUI ESTOU EU: O SAPO,  
BOM DE PULO E BOM DE PAPO.

FALO MAIS QUE JOÃO DO PULO,  
PULO MAIS QUE JOÃO DO PAPO.

POR CAUTELA, FALO POUCO,  
PRA EVITAR DE FICAR ROUCO.

MAS, NA VERDADE, COAXO.  
SOU QUEM TOCA O CONTRA-BAIXO

EM NOSSA ORQUESTRA DE SAPOS,  
POIS COM OS SONS DE NOSSOS PAPOS

FAZEMOS NOSSO CONCERTO:  
UM SOM FECHADO, OUTRO ABERTO,

UM QUE PARECE TROMBONE,  
OUTRO FLAUTA OU XILOFONE.

TOCAMOS EM QUALQUER FESTA.  
O NOSSO E-MAIL É <ORQUESTRA  
@SAPOS.COM.FLORESTA.

(Ferreira Gullar)

4. Professor, cada criança memoriza dois versos (se necessário, explique para os alunos o que é um verso), para a turma recitar o poema na íntegra. Peça a elas para serem bem criativas no jeito de falar.

4. ESCOLHA DOIS VERSOS DO POEMA PARA MEMORIZAR E SIGA AS INSTRUÇÕES DO PROFESSOR PARA FAZER UM RECITAL COLETIVO E CRIATIVO DO POEMA “O SAPO”.

5. Professor, se quiser, esclareça para os alunos que João do Pulo foi um dos maiores saltadores brasileiros e, por isso, recebeu esse apelido. Ele ganhou medalha de bronze em uma olimpíada. Ao falar do Sapo, o poeta se lembrou de João do Pulo porque ambos são hábeis saltadores.

## 5. OBSERVE AS IMAGENS.



**ESTE É JOÃO DO PULO**



**ESTE É O SAPO**

- POR QUE, AO FALAR DO SAPO, O POETA SE LEMBROU DE JOÃO DO PULO?

6. NA SEGUNDA ESTROFE, O POETA FEZ UM TROCADILHO, UMA BRINCADEIRA COM AS PALAVRAS. IDENTIFIQUE QUAL É ESSA BRINCADEIRA E FALE PARA OS COLEGAS.

6. Professor, aproveite a oportunidade para explicar para as crianças o que é uma estrofe. A brincadeira é que o poeta em vez de dizer que pula mais que João do Pulo e fala mais que João do Papo, ele diz: "Falo que João do Pulo / Pulo mais que João do Papo."

7. Professor, visite o site com as crianças e deixe que elas se divirtam ouvindo sapos cantando depois da chuva. Pode ser bem divertido!

## 7. ESCUTE UMA VERDADEIRA ORQUESTRA DE SAPOS NO SEGUINTE ENDEREÇO NA INTERNET:



<https://www.youtube.com/watch?v=8GpbC6lfcll>

8. Professor, deixe as crianças se divertirem. Vai banguçar um pouco, mas eles têm tudo para ficar encantados com a diversão.

8. DÊ ASAS À IMAGINAÇÃO: JUNTE-SE AOS COLEGAS E FAÇAM UMA ORQUESTRA DE SAPOS. ENQUANTO COAXAM EM VARIADOS TONS DE VOZ (UNS AGUDOS, OUTROS GRAVES), VOCÊS PODEM PULAR E PULAR, POIS ESSA É UMA DAS ESPECIALIDADES DE NOSSO AMIGO SAPO.

9. Embora a resposta seja pessoal, a expectativa é de que as crianças tenham gostado da atividade, já que ela preserva a ludicidade, tão importante para a formação do leitor literário.

9. VOCÊ GOSTOU DE BRINCAR COM O POEMA “O SAPO”? DÊ SUA OPINIÃO PARA OS COLEGAS E OUÇA A OPINIÃO DELES COM ATENÇÃO.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA *MINHA TERRA TEM POMARES*

(Anos Finais do Ensino Fundamental)



## Minha terra tem pomares

As atividades 1, 2 e 3 visam à introdução do conteúdo temático do capítulo (frutas) e à sensibilização dos alunos para a leitura e a escrita de um poema.

1. A sala de aula vai virar uma feira de frutas! Observe a imagem: um verdadeiro festival de cores, sabores, aromas, texturas...



2. Qual a sua fruta preferida? Você vai “vendê-la na feira”. A turma vai escolher o feirante mais criativo e animado!
  - a) Crie uma frase de efeito e bem criativa para anunciar a fruta. Veja alguns exemplos, mas não vale copiar:
    - Saboreie a tangerina amarela como o sol do fim de tarde!
    - Experimente a jabuticaba preta como céu em dia de trovoadas!
    - Delicie-se com a maçã mais bonita que a da Branca de Neve!
  - b) Agora que você criou a sua frase para oferecer sua fruta preferida de um jeito diferente, siga as instruções:
    - Anuncie a fruta, falando alto, procurando imitar um vendedor na feira.
    - Capriche na entonação e na empolgação!
3. Organize com os colegas uma votação para eleger o melhor vendedor. Qual foi a frase mais criativa e mais original? Qual foi o feirante mais empolgado?

3.4. Professor, incentive os alunos a falar. É muito importante que eles estabeleçam expectativas, apoiando-se em seus conhecimentos

prévios sobre o gênero textual, o universo temático etc. A expectativa é que os alunos respondam “frutas”.

5. Professor, peça aos alunos para ler o poema silenciosamente com o objetivo de conhecer o texto. Depois dessa leitura, você deve convidar voluntários para ler uma estrofe cada um, por exemplo. Ajude-os, a partir das sugestões de leitura expressiva, a perceber como o ritmo, a entonação e a sonoridade das palavras podem ser explorados para tornar o poema mais interessante e facilitar a construção de sentidos. Caso os alunos sugiram mudanças no modo de ler, avalie com a turma se elas são pertinentes no contexto do poema. O objetivo maior da leitura expressiva é promover uma experiência estética aos alunos.

4. Fora da escola, você costuma ler poemas? O que você mais aprecia em um poema? O que você espera encontrar em um poema cujo nome é “Pomar”? Converse com os colegas sobre essas perguntas.

5. Você vai ler o poema como se estivesse dando uma mordida em cada verso: as instruções estão ao lado de cada estrofe.

## Pomar

(Henriqueta Lisboa)

Menino – madrugada  
o pomar não foge!  
(pitangas maduras  
dão água na boca.)

Leia o 1º verso como se estivesse zombando do menino, pois não é preciso madrugar.

Leia o 2º verso com animação na voz, quase rindo.

Leia os dois últimos versos como se estivesse saboreando uma pitanga madura.

Menino descalço  
Não olha onde pisa.  
Trepas pelas árvores  
Agarrando pêssegos.  
(Pêssegos macios  
como paina e flor.

Leia os dois primeiros versos sem pausa, como se estivesse chamando a atenção do menino.

Leia o 3º e o 4º versos com uma voz animada, arranhando os **-rr-** da palavra **agarrando**.

Leia o 5º e o 6º versos com uma voz doce, esticando a sílaba **-ci-** de **macios**.

Leia o último verso com animação, marcando com mais força a sílaba **-ta-** de **dentadas**.

Dentadas de gosto!)

Leia o 1º verso como se fosse uma mãe ou um pai aconselhando o filho.

Leia os três últimos versos sem pausa entre eles, em tom de alerta.

Menino, cuidado,  
jabuticabeiras  
novinhas em folha  
não aguentam peso.

Leia o 1º verso sem respeitar a vírgula.

Rebrilham, cem  
olhos  
agrupados, negros.  
E as frutas estalam  
– espuma de vidro –  
nos lábios de rosa.  
Menino guloso!

Leia o 2º verso pronunciando lentamente as palavras, fazendo uma pausa entre elas.

Leia o 3º verso, acentuando a sílaba **-ta-** de **estalam**.

Faça uma pequena pausa e leia o 4º e o 5º versos sem pausa entre eles.

Leia o último verso marcando a sílaba **lo** de **guloso**, como se desse uma bronca no menino.

Menino guloso,  
ontem vi um figo  
mesmo que um  
veludo,  
redondo, polpudo,  
E disse: este é meu!

Leia o 1º verso como se estivesse chamando o menino.

Leia o 2º e o 3º versos sem pausa entre eles.

Leia o 4º verso, pronunciando lentamente as palavras, pausando a cada uma.

Leia o último verso, fazendo uma pergunta com uma pequena irritação na voz.

Meu figo onde está?

Leia os dois últimos versos do poema imitando o ritmo do canto de um pássaro, com a voz mais aguda.

– Passarinho comeu,  
passarinho comeu.

(LISBOA, Henriqueta. *O menino poeta* – obra completa. São Paulo: Peirópolis, 2008. p.22-23.)

**6.** Descubra as palavras encobertas nesta minibiografia para saber quem é Henriqueta Lisboa.

Henriqueta Lisboa nasceu em **Lambari**, cidade de Minas Gerais, no início do **século** XX, no ano de 1901. Ela escreveu seus primeiros poemas quando ainda era **criança**.

*O menino poeta* é o principal **livro** da escritora para o público infanto-juvenil: apresenta temas folclóricos, faz referência às cantigas de roda e às **parlendas**, descreve personagens da **cultura** popular, trata tanto do espaço urbano como do **campestre**. Nesse livro, a reprodução do cotidiano **infantil** acontece principalmente no contato com a **natureza**.

Em 1985, Henriqueta morreu em Belo Horizonte, cidade onde morou por **cinquenta** anos.

✓ Use este banco de palavras para desvendar os segredos da minibiografia de Henriqueta.

infantil – século – cultura – cinquenta – livro – Lambari –  
campestre – criança – natureza – parlendas

**7.** Você leu o poema e ajudou a compor a minibiografia da autora, então, responda: como o assunto do poema “Pomar” está relacionado à temática do livro *O menino poeta*?

**8.** O eu lírico do poema fala nos dois primeiros versos que o menino não precisaria madrugar, pois o pomar não iria fugir. Qual poderia ser uma boa razão para o menino precisar madrugar?

**9.** Converse com o professor e os colegas:

**a)** Como parece ser a vida do menino do poema?

**b)** Em que situações uma criança não é feliz como a do poema?

6. Na ordem de ocorrência:  
Lambari – século – criança – livro – parlendas – cultura – campestre – infantil – natureza – cinquenta.

7. O poema trata das aventuras de um menino em um pomar, descrevendo algumas frutas desse pomar, e a minibiografia diz que a reprodução do cotidiano infantil no livro *O menino poeta* se dá principalmente pelo contato com a natureza.

8. O menino pode ter madrugado para pegar o figo antes do eu lírico. Professor, é importante que os alunos entendam que não foi um passarinho que comeu o figo, mas o menino.

9a. A expectativa é de que os alunos respondam que o menino parece ter uma vida feliz, pois brinca livremente, subindo em árvores e se deliciando com frutas no pomar.

9b. Em situação de rua, quando exploradas (forçadas a trabalhar de forma abusiva), quando sofrem abusos de qualquer natureza cometidos por adultos.

10a. Espera-se que a segunda forma seja considerada pelos alunos como a mais provável de ser encontrada no guia. Essa discussão vai ser retomada no módulo de produção de poema.

10b. Espera-se que os alunos considerem a primeira frase mais bonita, já que é menos comum, mais elaborada.

10. Observe estas duas formas de falar do limão:

**O limão é azedo como a saudade.**

**O limão é uma fruta de sabor ácido.**



- a) Qual das duas formas você esperaria encontrar em um guia que descrevesse as características das frutas?
- b) Qual das duas formas você considera a mais bonita? Explique.

11. Releia a 4ª estrofe:

Rebrilham, cem olhos  
agrupados, negros.  
E as frutas estalam  
– espuma de vidro –  
nos lábios de rosa.  
Menino guloso!

- a) Qual é a fruta descrita nesses versos?
- b) Observe a foto: por que o poema fala dessa fruta como “cem olhos agrupados, negros”?

11a. A jabuticaba.

11b. Por ser pequena e redonda, e negra e brilhante quando madura, a jabuticaba se assemelha a olhos negros brilhantes. Como ficam bem próximas entre si na jabuticabeira e dão em grande quantidade, podem ser vistas como “cem olhos agrupados”.

11c. Espera-se que os alunos respondam que não. A literatura e, especialmente, a poesia estão nesse jeito diferente, inesperado de falar sobre as coisas. Não é o tema em si que é especial (jabuticaba, por exemplo), mas o jeito como se fala dele que o torna especial.

11d. Quando mordemos uma jabuticaba, faz um barulho da casca dura se rompendo, tipo um “ploft” (estalam), e sai a polpa, meio transparente e cremosa (espuma de vidro).



c) Compare.

**Cem olhos, agrupados, negros.**

**Cem jabuticabas juntas.**

Converse com os colegas e o professor: dá no mesmo falar das jabuticabas de um jeito ou de outro?

d) Explique os versos “E as frutas estalam / – espuma de vidro”.

12. Converse com os colegas e o professor: Você gosta de ler poemas, gosta desse jeito diferente, inesperado de falar sobre as coisas? Você fica arrepiado e emocionado quando lê algo que achou bonito?

13. No poema, a palavra **menino** se repete cinco vezes.

a) Por que essa palavra se repete tantas vezes?

b) Nos dicionários, a definição mais encontrada de menino é: qualquer criança ou adolescente do sexo masculino.

- Converse com os colegas e o professor: se o menino do poema tivesse um nome, ele poderia ser qualquer menino? Substitua essa palavra pelo nome de um colega da turma e releia o poema.

12. A resposta é pessoal. Incentive os alunos a falarem sobre sua relação com o texto poético.

13a. A palavra é repetida porque o poema fala sobre as aventuras de um menino no pomar do eu lírico.

13b. Professor, peça a um aluno para ler o poema em voz alta. A expectativa é que os alunos respondam que não, pois o poema estaria se dirigindo a uma criança específica, com um nome próprio.

13c. Professor, incentive a participação dos alunos, inclusive das meninas. Elas também podem gostar de



subir em árvores para brincar ou colher as melhores frutas.

13d. A poeta usou o nome comum em vez de usar um nome próprio.

14a. Professor, é importante que você faça a leitura do Projeto de Comunicação com os alunos, certificando-se de que eles entenderam a proposta. O título sugerido para o livro estabelece uma relação de intertextualidade com um dos poemas mais populares da literatura brasileira, "Canção do exílio", de Gonçalves Dias. Se achar conveniente, leia o poema para os alunos.

14b. Esta questão retoma a atividade do feirante no início da sequência. O objetivo é que os alunos consigam se referir às frutas por uma experiência sensorial e afetiva.

c) O menino sem nome do poema poderia ser você? Explique por que para os colegas.

d) Qual foi a estratégia da autora para aproximar os leitores do menino do poema?

14. Chegou a hora de escrever um poema.

a) Informe-se sobre o projeto de comunicação.

Projeto de comunicação	
<b>Gênero</b>	Poema
<b>Situação</b>	A turma vai escrever um livro de poemas para ser publicado no dia mundial da poesia, 21 de março. O livro deverá ser levado para casa: a cada três dias, ele muda de endereço. Sugerimos que o livro se chame <i>Minha terra tem pomares</i> , mas você e seus colegas podem escolher outro título.
<b>Tema</b>	As frutas prediletas do seu pomar imaginário.
<b>Objetivos</b>	1) Escrever um livro de poemas. 2) Emocionar os leitores.
<b>Quem é você</b>	Um adolescente que gosta de poemas e pomares.
<b>Para quem</b>	A comunidade escolar e a família.
<b>Tipo de produção</b>	Cada aluno escreve seu poema. Ao final, coletivamente, todos montam o livro de poemas da turma.

b) Desperte sensações sobre o tema que você vai escrever. Converse com os colegas.

- Quais são as suas frutas preferidas?
- O que mais lhe agrada nelas: o sabor, o cheiro, a cor, a textura?
- Você gosta da sonoridade dos nomes dessas frutas?
- Resgate as memórias que você tem dessas frutas para

construir uma “imagem” delas.

### **Escrita e reescrita**

- Como o título do livro é *Minha terra tem pomares*, use a ideia de pomar para dar título a seu texto: “Pomar do (nome do autor)”. Por exemplo: “Pomar do Tiago”, “Pomar da Lígia”.
- Qual é a sua fruta preferida? Você pode gostar dela pela beleza da cor e do formato, pela sonoridade do nome, pelo cheiro inesquecível, pelo sabor inconfundível, pela textura de arrepiar.
- Anote as sensações que essa fruta desperta em você. Procure falar dessas sensações de um jeito diferente, para surpreender o leitor. Algumas perguntas que podem inspirá-lo:
  - a) Qual é o cheiro da fruta? Um cheiro de quintal de avó ou de fruta roubada no quintal da vizinha? Ou é um cheiro que teima em não sair da mão?
  - b) Que ruídos elas fazem quando você dá aquela mordida: **ploft** ou **splech**? Um estouro, um chiado ou um barulhinho que você não consegue explicar?
  - c) Quais as cores dessa fruta madura? Vermelha como sangue, amarela como sol no fim de tarde, preta como céu em dia de trovoadas?
  - d) Essa fruta tem sabor de “quero mais”, de “vou roubar mais uma”? Sabor de comida feita em casa ou de lanche da escola? Ou sabor de “nunca vou me esquecer dela”? É doce como o mel ou amargo de dar água nos olhos?
  - e) Como é a sensação de tocar essa fruta? Ela tem a casca áspera como um porco-espinho ou lisa e macia como um gato?
- Trabalhe com a sonoridade do poema. Procure criar efeitos sonoros como nos exemplos. Não vale copiá-los!

**Coco doce / coco gelado / coco do mato.**

**Por coco / Sou louco.**

**Coco, cocada, coquinho, cocão.**

- Escreva a primeira versão de seu texto.

- Para revisar a primeira versão, leve o poema para casa e leia-o para familiares e amigos e pergunte a eles:
  - O texto surpreendeu você? O que o surpreendeu?
  - Você achou poético o modo como eu falei das frutas?
  - Você gostou da sonoridade do poema?
  - Tem alguma palavra que você acha que não está escrita corretamente?
- Leve em conta o que as pessoas falaram e faça a versão semifinal de seu poema.

### **Edição do poema**

- Passe seu poema a limpo em uma folha de papel. Use uma letra bem bonita! Escreva o título do poema no alto da página.
- Na mesma folha, desenhe o seu pomar. Faça as árvores carregadinhas da fruta que você escolheu!
- Pinte seu desenho! Capriche na pintura: a ideia é que quando alguém vir o desenho, fique com vontade de comer a fruta que você coloriu.
- Juntem todos os poemas para montar o livro *Minha terra tem pomares*.
- Organize os poemas em ordem alfabética, pelo título dos textos.
- A página do primeiro poema vai ganhar o número **3**. Numere esta e todas as outras páginas de poemas em ordem crescente.



- Para encontrar um texto em um livro, basta consultar o **sumário**, que indica o nome e a página de cada texto. Siga o exemplo para fazer o sumário do livro de poemas da turma.

### Sumário

- Pomar da Amanda..... 3
- Pomar do André..... 4
- Pomar da Maria..... 5
- Pomar do Pedro..... 6

- Com a ajuda do professor, escrevam, coletivamente, uma apresentação para o livro, explicando como ele foi feito. A folha com a apresentação deve vir logo depois da folha do sumário. As folhas do sumário e da apresentação não serão numeradas, por isso o primeiro poema ficará na página 3.
- Para fazer a capa, usem um papel mais duro, como cartolina ou papel cartão. Façam um desenho e coloquem as seguintes informações:



- Título do livro (Minha terra tem pomares);
- Identificação da turma que escreveu o livro;
- Nome da escola;

- Ano em que o livro foi feito.
- Juntem todas as folhas e grampeiem ou amarrem com um cordão. O livro está pronto!
- Vocês vão fazer uma leitura expressiva do poema. Convidem os funcionários da escola para ouvir os poemas. Cada poeta lê o seu texto. Caprichem na entonação.
- Combinem com o professor um dia para cada poeta levar o livro para casa e mostrá-lo aos familiares.
- Depois de percorrer as casas de todos os poetas, o livro vai ser doado à escola. Quem sabe daqui a uns dez anos você não vai querer voltar à biblioteca para reencontrar esse velho amigo?

### Auto-avaliação do projeto

- Avalie sua participação no projeto. Quantas estrelas você acha que merece?



- a) Você passou seu poema a limpo com letra caprichada?
- b) Você fez um desenho legal do seu pomar?
- c) Você ajudou a confeccionar o livro, montando o sumário e a capa?
- d) Você ajudou a escrever o texto de apresentação?
- e) Você fez uma leitura expressiva do seu poema para os convidados na escola?

SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE *UM CLÁSSICO DO TEATRO, UMA TRAGÉDIA EM CENA!*

(Ensino Médio)

Esta abertura e a seção "Embarque" correspondem à etapa de "motivação", pois as atividades têm o objetivo de aproximar os alunos do texto que será lido.

O trabalho com peças teatrais, além de aguçar a criatividade, o interesse e o espírito crítico dos alunos, pode trazer bons resultados com relação à leitura, à expressão oral, à integração da classe e à apreensão dos conteúdos veiculados nos textos.

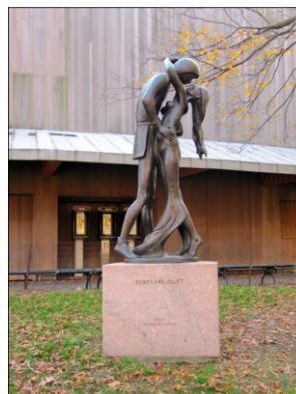
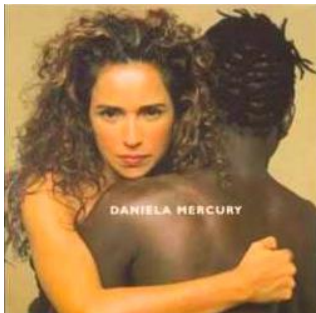
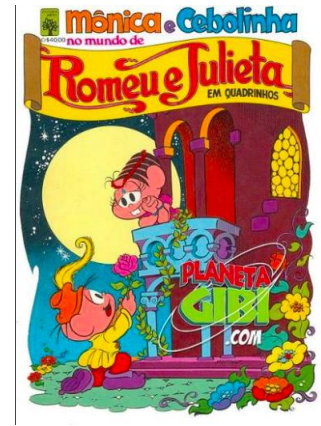
# Um clássico do teatro, uma tragédia em cena!

Você vai visitar Verona, cidade italiana, para conhecer de perto o casal mais popular da história da literatura: Romeu e Julieta.



*No teatro, na pintura, na dança,  
nas histórias em quadrinhos,  
na música popular, nos  
desenhos animados, na ópera,  
no cinema, na escultura, na  
culinária...*

Esse pode ser um bom momento para abordar com os alunos a noção de clássico. Um dos elementos que ajuda a transformar uma obra em um clássico é a quantidade de referências que se faz a ela. "Romeu e Julieta" é uma das obras mais referenciadas da história da literatura, seja no campo de atuação artístico-literário, seja no da vida cotidiana.



Uma das grandes dificuldades para adolescentes na leitura de textos clássicos pode ser o vocabulário. A ideia desta seção é promover o trabalho com palavras pouco usuais que aparecem na peça. A proposta foi apresentada em forma de desafio a fim de despertar o interesse dos alunos, que sempre pedem atividades mais envolventes e dinâmicas.

## **EMBARQUE**

Para embarcar rumo a Verona, na Itália, ao encontro de um dos maiores clássicos da literatura mundial, você e seus colegas vão passar por uma prova de fogo. Mas, acredite, vai ser inesquecível!



Verona, a cidade onde teria se passado a história de Romeu e Julieta.

1. Forme dupla com um colega.
2. O texto que vocês vão ler, embora siga encantando as pessoas, é do século XVI. Por isso, ele tem muitas palavras pouco usuais hoje em dia. Sua dupla está desafiada a descobrir o sentido dessas palavras. A partir do momento em que o professor autorizar, vocês têm trinta minutos para terminar o desafio.  
🔑 As palavras que vão desafiar vocês estão grifadas nos fragmentos do texto. Ver o contexto em que elas foram usadas pode ajudá-los! Em seguida, foram apresentadas três possibilidades de resposta: escolham uma!



a) “Deita-te embaixo daqueles teixos, acomoda o ouvido junto a este solo oco, cravado de sepulturas, terra solta e pouco firme.”

(  ) arbustos    (  ) bancos    (  ) caixões

b) “Minha doce flor, flores espalho em teu leito nupcial. Oh, dor, teu dossel é pó e pedras!”

(  ) cobertura de tecido usada sobre o leito  
(  ) matéria-prima para construção de túmulo  
(  ) objeto na forma do dorso humano

c) “Que malditos pés vêm passear a esta hora da noite aqui por estas bandas, para interromper-me as exéquias e o rito de um verdadeiro amor?”

(  ) cerimônia fúnebre    (  ) festa religiosa    (  ) pedido de perdão

d) “A hora e as minhas intenções são selvagens, violentas, muito mais ferozes e inexoráveis que tigres famintos ou mares enfurecidos.”

(  ) desfavoráveis    (  ) implacáveis    (  ) malvadas

e) “Oh, não, antes um salão pleno de luz, meu jovem assassinado, pois aqui jaz Julieta, e sua beleza faz desta cripta um salão de audiências, pronto para um iluminado banquete espectral.”

(  ) relativo a fantasmas  
(  ) relativo a monstros  
(  ) relativo a solenidades

f) “Não foste subjugada; a insígnia da formosura ainda tinge de carmesim teus lábios e tuas faces, e o pálido emblema da morte não avançou sobre ti.”

(  ) cor    (  ) marca    (  ) seiva

g) “Ah, aqui estabeleço meu repouso eterno e liberto esta minha carne mundana e cansada do jugo traçado por estrelas em nada auspiciosas.”

(  ) audaciosas    (  ) brilhantes    (  ) esperançosas

h) “— Olhos, um último olhar! Braços, o derradeiro abraço! E, lábios, ah, vocês, portais da respiração, selem com um beijo justo este acordo perene com a morte devoradora.”

( ) celestial    ( x ) eterno    ( ) solitário

i) “Assim foi que lhe dei, instruído por minha arte, uma poção soporífera, que teve o exato efeito por mim desejado, pois forjou nela a aparência da morte.”

( ) que provoca engano

( ) que provoca medo

( x ) que provoca sono

j) “Se alguma coisa deu errado por minha culpa, que se sacrifique esta minha vida profecta a qualquer hora antes de seu tempo.”

( ) inútil    ( ) triste    ( x ) velha

Entre 5 e 10 acertos	<b>Passagem para Verona – Itália</b>
----------------------	--------------------------------------



Verona está assinalada em vermelho no mapa da Itália.

# VIAGEM

A partir de agora, é aventura pura. De um lado, os Montechio; de outro, os Capuleto. Entre eles, Romeu, Julieta e Você.

## 1ª parada: Ah! Esse tal de Shakespeare...

1. Recorra a seu celular e pesquise por “traje típico elisabetano”.



Retrato de Shakespeare com traje típico elisabetano.

2. Roda de conversa: *Shakespeare em debate*.

- Formem um círculo para o debate.
- Cada dupla de alunos indicada pelo professor lê o par pergunta-resposta de uma entrevista com a crítica de teatro Bárbara Heliadora, publicada em 20 de abril de 2014.
- Depois da leitura de cada par pergunta-resposta, a turma deve debater a partir das questões propostas em *itálico*, na cor vermelha.
- Qualquer debatedor pode propor perguntas novas à turma.
- Mantenha seu celular por perto!

Optamos por uma forma não convencional para apresentar Shakespeare aos alunos, pois adolescentes não costumam ter paciência para leitura de textos didáticos sobre escritores.

Nesta atividade, trouxemos uma entrevista com a crítica Bárbara Heliadora, maior especialista brasileira no dramaturgo inglês.

A atividade deve ser desenvolvida oralmente, com leitura em dupla e participação em uma roda de conversa, na qual os alunos podem e devem lançar mão do celular.

O uso do “Você” é uma tentativa de implicar o leitor no texto, criando condições para a implementação da leitura subjetiva.

A 1ª parada corresponde à etapa da “introdução”.



## Bárbara Heliodora fala dos 450 anos de Shakespeare

Uma das maiores críticas teatrais brasileira fala da obra do seu dramaturgo preferido, que leu ainda na infância



Bárbara Heliodora é a grande autoridade sobre Shakespeare no Brasil, com citações e referências até no exterior. Ainda era uma menina quando se apaixonou pela obra do dramaturgo elisabetano.

JC – A dimensão da fama de Shakespeare fez com que o nome dele virasse não só substantivo próprio como adjetivo e até verbo – isso no caso de gírias que dizem respeito, no palco e na vida, ao amor, ao drama, à tragédia e ao melindroso. Mas, 450 anos depois, será que o mundo conhece, realmente, Shakespeare?

BÁRBARA HELIODORA – O mundo “conhece” a fama de Shakespeare. Que ele é popular em muitos países, não há dúvida. Aqui no Brasil ele ainda é pouco conhecido, pois nunca tivemos uma tradição forte de montagem dos clássicos, e até relativamente pouco tempo não havia sequer traduções da maioria das peças. Mas estamos progredindo!

- *Qual a diferença entre conhecer Shakespeare e conhecer a fama de Shakespeare?*
- *Você já leu algum texto de Shakespeare ou já assistiu a alguma peça de teatro do escritor inglês?*

JC – A senhora é hoje a grande sumidade em Shakespeare no Brasil e uma das maiores autoridades mundiais no assunto. Como repassar, entretanto, além dos livros e publicações, o conhecimento que se tem sobre este autor? Como fazer a juventude brasileira se interessar por Shakespeare?

BÁRBARA – Em primeiro lugar, divulgar a obra, tornar acessível a leitura das peças. E há toda uma série de estudos clássicos sobre a obra que seria eventualmente conveniente ver publicada por aqui. Como hoje em dia há aulas de teatro em muitas escolas, é possível divulgar Shakespeare assim também.

Conhecer Shakespeare é ter lido a obra dele; já conhecer a fama é já ter ouvido falar dele.

Resposta pessoal. Caso algum aluno já tenha lido ou assistido a alguma peça, ele pode falar sobre a experiência.

A expectativa é que os alunos respondam que sim, pois, se for apresentado em escolas, ele se tornará conhecido de muita gente. Outra coisa que poderia ser feita, por exemplo, é promover na escola, sessões de cinema com a exibição de filmes realizados a partir da obra de Shakespeare.

- *Você acha que o teatro escolar é uma boa forma para tornar Shakespeare mais popular entre os jovens brasileiros? O que mais poderia ser feito?*

JC – De que maneira a commedia dell’arte influenciou a obra de Shakespeare? Esse reflexo também chega ao universo trágico do autor?

BÁRBARA – Que se saiba, duas companhias de commedia dell’arte estiveram em Londres na época em que Shakespeare estava escrevendo, e em algumas peças (como Trabalhos de amor perdidos, por exemplo) temos presença de personagens diretamente ligados a ela. Eu pessoalmente creio que a primeira cena de Otelo evoca cenas em que Shakespeare aproveitou a estrutura da cena para usar de modo bem diverso do original.

- *Você já ouviu falar na commedia dell’arte? Se não, levante hipóteses para explicar do que se trata.*
- *Use o celular para fazer uma rápida pesquisa sobre a commedia dell’arte e confira se as hipóteses levantadas pela turma são verdadeiras. O primeiro que encontrar informações deve ler para os colegas.*

JC – A atriz Lucélia Santos, em uma palestra na Festa Literária de Pernambuco (Fliporto), em 2012, afirmou que “para se montar (uma peça de) Nelson Rodrigues sem errar, é preciso seguir à risca o texto escrito por ele”. Assim também é o caso de Shakespeare? Qual ou quais os principais caminhos para se acertar numa montagem shakespeariana?

BÁRBARA – Como boa parte da obra de Shakespeare é escrita em verso, é claro que o texto tem de ser rigorosamente seguido. Aliás não conheço nenhum bom texto teatral que não deva ser rigorosamente seguido pelos atores, pois qualquer alteração pode afetar o sentido do que o autor disse quando escrevia para criar uma ação.

- *Por que o fato de boa parte da obra de Shakespeare ser escrita em verso torna importante que os atores sigam rigorosamente o texto?*

A **commedia dell’arte** é uma forma de teatro popular que aparece no século XV, na Itália. Ela veio se opor à “comédia erudita”. As apresentações eram realizadas nas ruas e praças públicas. As companhias eram itinerantes e possuíam uma estrutura de esquema familiar. Ao chegarem à uma cidade, pediam permissão para se apresentar nas suas carroças ou em pequenos palcos improvisados. Os atores seguiam apenas um roteiro simplificado e tinham total liberdade para improvisar e interagir com o público.

Porque o fato de a obra ser escrita em verso implica no ritmo. Então, se o ator resolver trocar uma palavra, por exemplo, ele pode interferir, de forma indesejada, no ritmo.

JC – Em décadas de crítica teatral, quais as melhores adaptações da obra shakespeariana que a senhora assistiu no Brasil? O que eles tinham de peculiar?

BÁRBARA – Sem dúvida a melhor adaptação que vi foi o Romeu e Julieta do Grupo Galpão, de Minas Gerais. Mesmo adaptando para as necessidades do grupo e das circunstâncias, o novo texto foi absolutamente fiel às intenções de Shakespeare.

- *Use o celular para buscar informações sobre a adaptação que o grupo Galpão fez da peça “Romeu e Julieta”. Ah! Você já sabe: o primeiro que encontrar informações deve ler para a turma.*

JC – O teatro à época de Shakespeare tinha uma estrutura peculiar: palco nu, com pouco cenário; o público ficava ao redor do elenco, vendo o ator em todas as dimensões. Ao que parece, uma estética muito próxima ao que o teatro contemporâneo tem resgatado com muita ênfase. Como essa característica influenciava a cena shakespeariana, e como isso pode ser usado, hoje, no nosso teatro, de forma satisfatória?

BÁRBARA – O palco elisabetano era muito especial, com vários espaços (palco exterior, palco interior, palco superior). Como era a céu aberto, todos os espaços eram claramente visíveis para a plateia, que cercava tudo por três lados. Não havia cenários, apenas um ou outro elemento para identificar o absolutamente necessário. Tudo ficava no texto e nos atores. Como as produções (pobres) de hoje em dia, a falta de cenografia facilita uma dramaturgia muito livre.

- *Por que, à época de Shakespeare, como acontece hoje em dia, segundo Bárbara Heliadora, “tudo ficava no texto e nos atores”?*

<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/artes-cenicas/noticia/2014/04/20/barbara-heliadora-fala-dos-450-anos-de-shakespeare-125499.php>

Sempre que possível, vamos incentivar o uso didático do celular em sala de aula, já que essa tecnologia foi incorporada à vida da maioria das pessoas.

Porque, na época de Shakespeare, havia poucos recursos para ajudar a materializar a cena. Segundo a crítica, hoje isso acontece por escassês de recursos para investir em uma montagem mais exuberante.

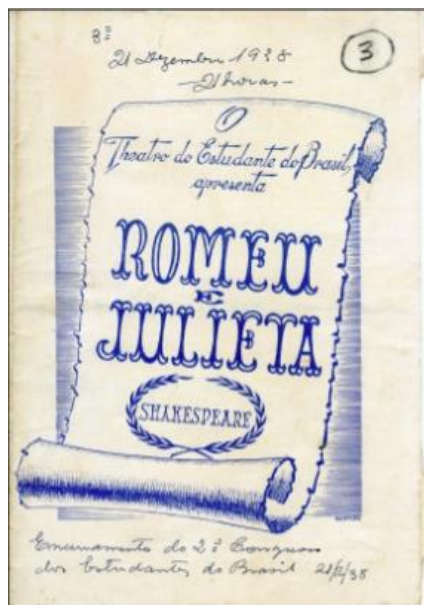
Na 2ª e na 3ª paradas, temos as etapas da "Leitura" e da "Primeira interpretação", com destaque para a leitura subjetiva. Conforme defendemos no trabalho, a etapa da 1ª interpretação é ideal para promover a leitura subjetiva.

Todas as perguntas desta seção demandam respostas pessoais. É importante que, antes de fazer um estudo formal do texto, os leitores tenham a oportunidade de se expressarem subjetivamente.

É importante que você, professor, motive a participação dos alunos. Se sentirem que serão ouvidos, com interesse por você e pelos colegas, muitos alunos se arriscam a falar.

## 2ª parada: Shakespeare, Romeu, Julieta e Você

Faça uma leitura silenciosa do texto. Nessa primeira leitura, despreze as perguntas que estão nos quadros e concentre-se apenas nestas que pretendem explorar a sua relação com o texto, respondendo-as no caderno ou em um documento no computador:



1. Quais foram suas primeiras impressões, reações, emoções, talvez dificuldades ao ler o texto?
2. Algumas linhas disseram mais a você do que outras? Se sim, quais e por quê?
3. Alguma imagem lhe veio à cabeça enquanto você lia o texto? Se sim, qual?
4. Essa passagem de "Romeu e Julieta" lhe fez recordar algum outro texto, ou obra de arte, ou filme, ou fotografia, ou música, ou pintura?
5. Alguma passagem do texto provocou em você alguma lembrança pessoal? Você poderia dizer qual e por quê?
6. Se você precisasse resumir esse texto em uma palavra, qual você escolheria e por quê?

### 3ª parada: Leitura de peça de teatro

1. Antes de ler a última cena de Romeu e Julieta, leia uma breve síntese do que acontece antes na história.

“Romeu e Julieta”, texto dramático escrito por Shakespeare no final do século XVI, é composto de cinco atos. A história é marcada pela luta entre duas famílias rivais: os Montéquio e os Capuleto. O jovem Romeu Montéquio e a jovem Julieta Capuleto apaixonam-se e se casam escondido das famílias. Sem saber do casamento, a família de Julieta quer que ela se case com um conde, Páris. Desesperada, Julieta pede ajuda ao padre que havia realizado seu casamento, frei Lourenço. O frei propõe um plano: Julieta deve fingir para os pais que aceita se casar com Páris e, depois, beberá um líquido que fará todos pensarem que ela está morta. Romeu será informado do plano por uma carta. As coisas correm como combinado e Julieta é colocada como morta no sepulcro dos Capuleto. Entretanto, um imprevisto muda os rumos da história: Romeu não recebe a carta! Ele é avisado da morte da amada e dirige-se ao cemitério, onde pretende envenenar-se. Frei Lourenço fica sabendo que Romeu não recebeu a carta e vai em direção ao cemitério para desfazer o malentendido. É nesse momento que começa a última cena da peça, que você vai ter o prazer de ler.

2. As peças de Shakespeare foram feitas para serem representadas. Por isso, não vamos cair na armadilha de fazer perguntas intelectualizadas sobre a peça e o momento em que ela foi escrita antes de você ter uma chance de senti-la. As perguntas, para ser respondidas oralmente, têm a intenção de preparar a turma para a atividade da 5ª parada, uma leitura dramatizada da Cena III.

[...]

Cena III — *Um cemitério no terreno da igreja; nele, um jazigo que pertence aos Capuleto. Entram Páris e seu Pajem, que traz flores e uma tocha.*

PÁRIS — Dá-me essa tocha, rapaz. Vai-te daqui, e fica longe. — Pensando melhor, apaga a tocha. Não quero que me vejam. Deita-te

Professor, depois de fazerem a leitura subjetiva, proposta na “2ª parada”, os alunos vão responder, oralmente, a perguntas que os ajudarão a vivenciar a cena. Esta atividade é fundamental para a realização da leitura dramatizada da “5ª parada”.

embaixo daqueles teixos, acomoda o ouvido junto a este solo oco, cravado de sepulturas, terra solta e pouco firme. Assim, ninguém põe pé neste cemitério sem que o ouças. Assobia para mim, como sinal de que ouves algo se aproximando. Alcança-me essas flores. Faze o que te mando, anda!

PAJEM — (*Distanciando-se.*) Quase tenho medo de ficar sozinho aqui no cemitério. Mas... Vou arriscar.

(*Retira-se.*)

- *Como você leria a fala de Páris: em um tom de ordem, com uma certa irritação na voz; ou em um tom mais calmo, de quem pede um favor?*
- *E a fala do Pajem: em um tom de resignação, de quem responde para si mesmo; ou em um tom irritado, dirigindo-se a Páris.*

PÁRIS — Minha doce flor, flores espalho em teu leito nupcial. Oh, dor, teu dossel é pó e pedras! Virei umedecê-lo todas as noites com águas perfumadas, como se orvalho fossem; na falta delas, umedeço-o com lágrimas destiladas por suspiros. As honras fúnebres que te prestarei são estas: espalhar flores em teu túmulo e regá-las com meu pranto.

(*O pajem assobia.*)

O rapaz adverte-me de que algo se aproxima. Que malditos pés vêm passear a esta hora da noite aqui por estas bandas, para interromper-me as exéquias e o rito de um verdadeiro amor? O quê? Com uma tocha? — Noite, oculta-me por alguns instantes.

(*Retira-se.*)

- *Como você leria a primeira parte da fala de Páris: em um tom de inconformismo e impaciência ao encontrar Julieta morta; ou em um tom de profundo lamento, dirigindo-se a Julieta?*
- *E a segunda parte: em um tom de quem fala entre os dentes, conversando consigo mesmo; ou em um tom desesperado, revelando medo de quem está chegando?*

*Entram Romeu e Baltasar, com uma tocha, enxadão e pé de cabra.*

Páris e o Pajem pertencem a classes sociais diferentes: o primeiro é um nobre, o segundo é um criado. Assim, o tom de ordem, com irritação na voz é mais adequado para Páris, e o tom de resignação, de quem responde para si mesmo é mais adequado ao Pajem.

Páris era apaixonado por Julieta, portanto, o tom de lamento é adequado à situação.

Na 2ª parte, Páris conversa consigo mesmo, como se estivesse dando-se um tempo para tomar uma decisão.



ROMEU — Alcança-me esse enxadão e o pé de cabra. Espera, toma esta carta. De manhã cedinho vê que a entregas ao meu pai e senhor. Passa-me a luz. Por tua alma, eu te recomendo: seja lá o que for que tu escutares ou enxergares, mantém distância e não me interrompe no que eu estiver fazendo. Desço até esse leito de morte em parte para contemplar o rosto de minha amada, mas principalmente para tirar de seu dedo morto um precioso anel — um anel que devo usar em circunstância que me é muito cara. Portanto, vai-te, andando! — Porém, se tu, desconfiado, voltares para espiar o que pretendo fazer, juro pelos céus como estraçalho-te todas as juntas e espalho por este cemitério faminto os teus pedaços. A hora e as minhas intenções são selvagens, violentas, muito mais ferozes e inexoráveis que tigres famintos ou mares enfurecidos.

BALTASAR — Partirei, senhor, para não vos perturbar.

ROMEU — Desse modo mostras a amizade que tens por mim. — Toma isto para ti. Vive e sê próspero. E, adeus, meu bom amigo.

BALTASAR — *(Afastando-se.)* Mesmo assim, vou esconder-me aqui por perto. O olhar dele me deixa receoso, e de suas intenções eu desconfio.

*(Retira-se.)*

A relação entre Romeu e Baltasar também é moldada pela hierarquia: Baltasar é criado de Romeu. Do início até “que é muito cara”, o tom é de pedido e de agradecimento; a partir daí, assume um tom de ameaça.

Em tom de agradecimento.

Em tom de resignação, dirigida a Romeu.

Em tom baixo e para dentro, como se falasse consigo mesmo.

- *Como você leria a primeira fala de Romeu: inicialmente, em tom de pedido, de agradecimento e, depois, em tom de ameaça; ou em um único tom do início ao fim?*
- *E a segunda fala de Romeu: em tom de ordem; ou em tom de agradecimento?*
- *Como você leria a primeira fala de Baltasar: em tom de resignação, dirigida a Romeu; ou em tom de irritação, como se falasse consigo mesmo?*
- *E a segunda fala de Baltasar: em tom de desconfiança, dirigindo-se a Romeu; ou em tom baixo e para dentro, como se falasse consigo mesmo?*

ROMEU — Tu, goela detestável, tu, barriga da morte, empanturrada com o mais precioso quitute da terra, assim eu forço tua mandíbula podre a se abrir *(forçando e abrindo a porta do jazigo)* e, para te deixar afrontada,

venho te abarrotar com mais comida!

Em tom dramático, dirigindo-se à porta do jazigo, onde Julieta estaria morta.

- *Como você leria essa fala de Romeu: em tom de zombaria, dirigindo-se a Páris; ou em tom dramático, dirigindo-se à porta do jazigo?*

PÁRIS — Esse é aquele arrogante Montéquio, o banido, o assassino do primo de minha noiva, e imagina-se que a linda criatura morreu por causa desse luto. Agora vem ele aqui, decerto para perpetrar algum ato vil com os cadáveres. Vou detê-lo. (*Avança.*) Pare já com essa sua tarefa de profanação, vil Montéquio! É possível que uma vingança prolongue-se para além da morte? Verme condenado, eu o declaro preso. Obedeça, e me acompanhe, pois você deve morrer.

ROMEU — Deveras, devo morrer, e foi por isso que vim até aqui. Meu bom e gentil jovem, não tente um homem desesperado. Fuja daqui, e me deixe. — Pense naqueles que já se foram, deixe que eles o amedrontem. — Eu lhe imploro, meu jovem, não coloque ainda outro pecado em minha consciência, provocando-me até a fúria. Por favor, vá-se embora! Por Deus, amo a você mais que a mim mesmo, pois aqui chego armado contra mim. Não fique, vá embora. — Mantenha-se vivo, e mais tarde poderá dizer que a misericórdia de um louco fez com que você fugisse.

PÁRIS — Rejeito o seu pedido e o declaro aqui preso, por criminoso.

ROMEU — Vai querer me provocar? Então defenda-se, rapaz.

(*Eles lutam.*)

Do início até "vou detê-lo", em tom de surpresa e irritação, falando consigo mesmo; depois, em tom de ordem, dirigindo-se a Romeu.

- *Como você leria a primeira fala de Páris: inicialmente, em tom de surpresa e irritação, falando consigo mesmo e, depois, em tom de ordem, dirigindo-se diretamente a Romeu; ou em tom de irritação, dirigindo-se, do início ao fim da fala a Romeu?*
- *E a segunda fala de Páris: em tom autoritário, dirigindo-se a Romeu; ou em tom de lamento, dirigindo-se ao Pajem?*
- *Como você leria a primeira fala de Romeu: em tom de ordem e bravo ou em tom brando e de pedido.*

Em tom autoritário, dirigindo-se a Romeu.

Em tom brando e de pedido.



Em tom de desafio.

- *E a segunda fala de Romeu: em tom de conciliação ou em tom de desafio.*

PAJEM — Ai, meu Deus, eles estão lutando! Vou chamar a Guarda.

*(Sai.)*

PÁRIS — Estou morto! *(Cai.)* — Se tem piedade, abre a tumba e coloca-me junto a Julieta.

*(Morre.)*

Em tom de lamento, de alguém que percebe a gravidade da cena e precisa fazer alguma coisa.

- *Como você leria a fala do Pajem: em um tom de lamento, de alguém que percebe a gravidade da cena e precisa intervir; ou em um tom de mera constatação do que está acontecendo?*
- *Como você leria a fala de Páris: inicialmente, em tom de irritação e, depois, em tom de ordem dirigido a Romeu; ou inicialmente, em um tom de constatação do que está para acontecer e, depois, em tom de apelo dirigido a Romeu?*

Inicialmente, em tom de constatação do que está para acontecer, falando para si mesmo e, depois, em tom de apelo, dirigido a Romeu.

ROMEU — De fato, farei isso. — Deixe-me ver esse rosto. — O nobre conde Páris, parente de Mercúcio! — O que foi mesmo que disse o meu criado, quando minha alma perturbada não lhe prestou atenção, enquanto vínhamos para cá a cavalo? Acho que ele me disse que Páris estava por desposar Julieta. Não foi isso o que ele disse? Ou sonhei tal coisa? Ou estou louco e, ouvindo-o falar de Julieta, pensei que falava isso? — Ah, dê-me sua mão, você cujo nome foi escrito junto ao meu neste livro de amargo infortúnio! Vou enterrá-lo em cova triunfante... cova? Oh, não, antes um salão pleno de luz, meu jovem assassinado, pois aqui jaz Julieta, e sua beleza faz desta cripta um salão de audiências, pronto para um iluminado banquete espectral. Morto, acomoda-te aí, sepultado que estás por um homem morto. *(Deitando Páris no jazigo.)* Quantas vezes, quando os homens estão a ponto de morrer, ficam eles exultantes! Os que velam o moribundo chamam a isso de centelha de vida antes da morte. Ah, como posso a isso chamar de centelha? — Ah, meu amor! Minha esposa! A morte, que sugou o mel de teu hálito, ainda não teve forças para bulir com tua beleza. Não foste subjugada; a insígnia da formosura ainda tinge de carmesim teus lábios e tuas faces, e o pálido emblema da morte não avançou sobre ti. — Teobaldo, é você quem jaz aí nesses panos

ensanguentados? Ah, que maior favor posso lhe prestar do que, com esta mesma mão que decepou sua juventude ao meio, dar fim à juventude daquele que foi seu inimigo? Perdoe-me, primo! — Ah, minha querida Julieta, por que continuas tão linda? Devo acreditar que o irreal espectro da morte de ti se enamorou? E que o esquelético, abominado monstro te prende aqui no escuro para seres dele amante? Por temer tal coisa, permanecerei para sempre contigo, sem partir jamais deste palácio de escuridão noturna. Permaneço aqui mesmo, aqui, com as larvas que são tuas camareiras. Ah, aqui estabeleço meu repouso eterno e liberto esta minha carne mundana e cansada do jugo traçado por estrelas em nada auspiciosas. — Olhos, um último olhar! Braços, o derradeiro abraço! E, lábios, ah, vocês, portais da respiração, selem com um beijo justo este acordo perene com a morte devoradora. — Vem, condutor amargo; vem, guia repugnante; tu, piloto desesperado, arremessa de uma vez contra rochas violentas tua nau cansada e nauseada do mar. Ao meu amor! (Bebe.) — Ah, honesto boticário, estas suas drogas são mesmo rápidas. — Assim, com um beijo, eu morro.

(Morre.)

- *A longa fala de Romeu, dividida em várias partes, é dirigida a diversos interlocutores e, em função disso, assume tons também diversos. Identifique cada uma dessas partes: a) em tom de dúvida, dirigindo-se a si mesmo, b) em tom solene, dirigindo-se a Páris morto, c) em tom de profundo lamento, dirigindo-se a Julieta, d) em tom de arrependimento, dirigindo-se a Teobaldo morto, e) em tom dramático e de despedida, dirigindo-se, mais uma vez, a Julieta, f) em tom de extrema dramaticidade, dirigindo-se a si mesmo.*

*Entra, no outro lado do Cemitério, Frei Lourenço, com uma lanterna, pé de cabra e pá.*

FREI LOURENÇO — São Francisco que me ajude! Quantas vezes, esta noite, meus velhos pés tropeçaram em sepulturas! — Quem está aí? Quem é que, tão tarde da noite, vem se associar aos mortos?

BALTASAR — Aqui estou, um amigo, e amigo que vos conhece bem.

a) do início até "Ou estou louco e, ouvindo-o falar de Julieta, pensei que falava isso?"; b) de "Ah, dê-me sua mão" até "Morto, acomoda-te aí, sepultado que estás por um homem morto."; c) de "Quantas vezes, quando os homens estão a ponto de morrer, ficam eles exultantes!" até "e o pálido emblema da morte não avançou sobre ti."; d) de "Teobaldo, é você quem jaz aí nesses panos ensanguentados?" até "Perdoe-me, primo!"; e) de "Ah, minha querida Julieta, por que continuas tão linda?" até "Permaneço aqui mesmo, aqui, com as larvas que são tuas camareiras."; f) de "Ah, aqui estabeleço meu repouso eterno" até o fim.

FREI LOURENÇO — Que Deus te abençoe! Agora me fala, meu bom amigo, que tocha é aquela ali que em vão empresta sua luz a vermes e caveiras desprovidas de olhos? Se bem enxergo daqui, ela arde no jazigo dos Capuleto.

BALTASAR — É isso mesmo, meu santo Frei. E lá encontra-se meu amo, de quem tanto gostais.

FREI LOURENÇO — Quem?

BALTASAR — Romeu.

FREI LOURENÇO — Há quanto tempo ele está lá?

BALTASAR — Tem bem meia hora.

FREI LOURENÇO — Vem comigo até à cripta.

BALTASAR — Eu não me atreveria, senhor. Meu amo pensa que fui-me embora. E, de um modo medonho, ameaçou-me de morte se eu ficasse para ver o que ele planejava fazer.

FREI LOURENÇO — Não precisa ir, então. Vou sozinho. — Sinto que o medo vem me envolver. Ah, como receio uma lamentável desgraça.

BALTASAR — Enquanto dormia sob esse teixo aqui, sonhei que meu amo mais um outro lutavam, e que meu amo o matou.

FREI LOURENÇO — Romeu! (*Precipita-se.*) Meu Deus, que sangue é esse que mancha as pedras da entrada deste sepulcro? — O que significam essas espadas abandonadas, ensanguentadas, a manchar este local de paz? (*Entra no jazigo.*) Romeu! Oh, pálido! — Quem mais? Como, Páris também? E banhado de sangue? — Ah, que hora infeliz pode-se culpar por essa calamidade? — A dama está se mexendo.

(*Julieta desperta e mexe-se.*)

- *Nesse fragmento há muitas falas de Frei Lourenço. Identifique o tom mais adequado para cada uma delas: tom de indagação direta a Baltasar, temendo o que pode vir*

direta a Baltasar, temendo o que pode vir como resposta.

5ª e 6ª fala: tom de ordem, dirigindo-se ao pajem de Romeu.

1ª, 2ª, 3ª e 4ª fala: tom educado e resignado, de quem está acostumado a servir.

5ª e 6ª fala: tom de justificativa e medo de ser repreendido.

*como resposta; tom que revela medo do que pode encontrar pela frente, dirigindo-se a um interlocutor desconhecido; tom de ordem, dirigindo-se ao pajem de Romeu.*

- *Há também muitas falas de Baltasar, pajem de Romeu. Identifique o tom mais adequado para cada uma delas: tom educado e resignado, de quem está acostumado a servir; tom de justificativa e medo de ser repreendido.*

JULIETA — Oh, meu simpático Frei, onde está meu esposo? — Lembrome bem de onde eu deveria estar... e estou. — Onde está o meu Romeu?

*(Ouve-se um barulho que vem de dentro.)*

FREI LOURENÇO — Estou ouvindo qualquer coisa. — Minha senhora, saia desse ninho de morte, contágio e sono irreal. Uma força maior, à qual não podemos contrariar, frustrou nossos planos. — Vamos, vamo-nos embora. Seu marido em seu peito jaz, morto. E Páris também. — Vamos, vou encaminhá-la para um convento de piedosas freiras. Não pare para fazer perguntas, pois a Guarda vem chegando. Vamos, saia daqui, minha boa Julieta. *(Barulho novamente.)* — Eu não me atrevo a ficar aqui mais tempo.

JULIETA — Então vá, saia daqui, porque eu não vou embora. *(Sai Frei Lourenço.)* O que é isto? Um cálice, que meu verdadeiro amor segura em sua mão? Vejo que veneno foi seu fim prematuro. — Avarento! Bebe tudo e não deixa nem uma gota amiga que depois me ajude? — Beijarei teus lábios. Pode ser que ainda encontre neles um pouco de veneno que me faça morrer com este fortificante. *(Beija-o.)* Teus lábios estão quentes!

PRIMEIRO GUARDA — *(De dentro)* Vá na frente, rapaz. — Para que lado?

JULIETA — Barulho de gente chegando? — Então serei breve. — Ah, punhal feliz! *(Apoderando-se da adaga de Romeu.)* Esta é tua bainha *(apunhala-se)*; enferruja dentro de mim e deixa-me morrer. *(Cai sobre o corpo de Romeu e morre.)*

*Entra o Guarda, acompanhado do pajem de Páris.*

1ª fala: tom tranquilo, embora revelando alguma preocupação, dirigindo-se a Frei Lourenço.

2ª fala: tom de desespero, ora dirigindo-se a Frei Lourenço ora dirigindo-se a Romeu.

3ª fala: em tom dramático, dirigindo-se a si mesma.

Tom de apelo, misturando desespero e medo.

Ele se dirige ao pajem de Páris, em tom de ordem.

- *Identifique o tom mais adequado para cada uma das falas de Julieta: tom de desespero, ora dirigindo-se a Frei Lourenço ora dirigindo-se a Romeu; em tom dramático, dirigindo-se a si mesma; em tom tranquilo, embora revelando alguma preocupação, dirigindo-se a Frei Lourenço.*
- *Identifique o tom mais adequado para a fala de Frei Lourenço: em tom de apelo, misturando desespero e medo; ou em tom de ordem, mostrando convicção quanto ao que deveria fazer?*
- *A quem se dirige o Primeiro Guarda? Em tom de ordem ou de pedido?*

PAJEM — Este é o lugar; ali, onde arde a tocha.

PRIMEIRO GUARDA — Tem sangue no chão. Vasculhem o cemitério. Vão, alguns de vocês, e prendam quem encontrarem pela frente. (*Saem alguns dos Guardas.*) Visão mais lamentável! Aqui jaz o conde assassinado. — E Julieta, sangrando! Ainda quente, recém-morta, essa que esteve aqui sepultada estes últimos dois dias. — Vão, contem ao Príncipe —, corram à casa dos Capuleto —, acordem os Montéquio —, e outros de vocês vasculhem este lugar. (*Saem outros Guardas.*) Estamos vendo o terreno onde se depositaram tantas aflições, mas o verdadeiro terreno de onde brotaram todas essas dores lastimáveis não se pode perceber sem antes conhecermos delas as circunstâncias.

Ele se dirige ao Primeiro Guarda, em tom de esclarecimento.

Do início até "e prendam quem encontrarem pela frente", em tom de ordem. A partir daí até o final, em tom de lamento.

- *A quem se dirige o Pajem? Em tom de lamento ou em tom de esclarecimento?*
- *Qual o tom adotado pelo Primeiro Guarda: inicialmente, de ordem ou de pedido? Depois, de horror ou de lamento?*

*Chegam de volta alguns dos Guardas com Baltasar.*

SEGUNDO GUARDA — Aqui está o criado de Romeu; estava no

cemitério.

PRIMEIRO GUARDA — Detenha-o até que chegue o Príncipe. Chegam de volta outros dos Guardas, com Frei Lourenço.

TERCEIRO GUARDA — Aqui temos um frei, que treme, suspira e chora. Com ele encontramos este enxadão e esta pá, e ele vinha desse lado do cemitério.

PRIMEIRO GUARDA — Altamente suspeito. Detenham o Frei também.

O Primeiro Guarda.

- *Qual dos três guardas parece ser o chefe e, em função disso, deve apresentar o tom de voz mais autoritário?*

*Entram o Príncipe e sua Comitiva.*

PRÍNCIPE — Que desgraça acorda-nos assim tão cedo, tirando nossa pessoa de seu repouso matutino?

*(Entram Capuleto, Lady Capuleto e outros.)*

CAPULETO — O que está havendo, que tanto gritam e guincham por toda parte?

LADY CAPULETO — O povo nas ruas grita “Romeu”, outros, “Julieta” e ainda alguns, “Páris”; e todos correm, com altos protestos, em direção ao nosso jazigo.

PRÍNCIPE — Que pavor é esse que nos fere os ouvidos?

Predomina o tom de surpresa e irritação.

- *Qual o tom predominante nas vozes do Príncipe, Capuleto e Lady Capuleto: de surpresa e irritação, ou de tristeza e medo?*

PRIMEIRO GUARDA — Meu soberano, aqui jaz, assassinado, o conde Páris. Romeu está morto. E Julieta, antes falecida, tem o corpo quente e está recém-morta.

PRÍNCIPE — Procurem, investiguem e esclareçam como aconteceram essas mortes infames.

PRIMEIRO GUARDA — Aqui temos um frei e o criado do defunto Romeu, com ferramentas próprias para abrir as tumbas desses mortos.

CAPULETO — Ó céus! — Esposa, olha como nossa filha sangra! Esse punhal enganou-se... pois, olhe, sua verdadeira morada está vazia nas costas do Montéquio... e encontrou bainha errada no peito de minha filha.

LADY CAPULETO — Ai de mim! Esta visão da morte é como um sino que me vem advertir de minha velhice, seduzindo-me para uma sepultura.

Não, pois, nesta parte, ele se dirige ao Príncipe. Ele adota um tom subserviente.

Tom de ordem.

Pelo arrependimento e pela ansiedade.

- *O Primeiro Guarda mantém o mesmo tom de voz da parte anterior? Explique por quê.*
- *Qual o tom de voz do Príncipe: de ordem, ou de pedido?*
- *O tom das vozes de Capuleto e de Lady Capuleto é marcado: pelo horror e lamento, ou pelo arrependimento e pela ansiedade?*

*Entram Montéquio e outros.*

PRÍNCIPE — Chega perto, Montéquio, pois foste assim tão cedo acordado para ver teu filho e herdeiro assim tão cedo deitado.

MONTÉQUIO — Ai de mim! Meu soberano, minha esposa morreu esta noite passada. A dor pelo exílio de meu filho tirou-lhe o sopro da vida. Que outro pesar conspira contra a minha idade?

PRÍNCIPE — Olha e verás.

MONTÉQUIO — Ah, filho indisciplinado! Que modos são esses, baixando a uma cova antes de teu pai?

PRÍNCIPE — Calem vossos sentimentos ultrajados por uns instantes, até que possamos esclarecer essas ambiguidades e delas saber as fontes, a nascente, seu verdadeiro curso, e então serei o comandante de vossas aflições e os liderarei, nem que seja até à morte. Neste meio-tempo, contenham-se e deixem que o infortúnio seja escravo da paciência. — Tragam-me os suspeitos.



Pelo tom de acolhimento e tristeza.

Um tom de ordem.

Na primeira fala, ele se dirige ao Príncipe, em um tom lamento e ansiedade. Na segunda, ele se dirige ao filho morto, em um tom brando de reclamação.

- *A primeira e a segunda fala do Príncipe são marcadas pelo tom de acolhimento e tristeza, ou de apreensão e ordem?*
- *E a última fala do príncipe: um tom de ordem ou um tom de pedido?*
- *Montéquio se dirige ao mesmo interlocutor nas duas falas? O tom muda de uma fala para outra?*

FREI LOURENÇO — Deles sou o maior, embora o mais fraco. No entanto, sou o principal suspeito, posto que a hora e o local conspiram contra mim, no caso dessas terríveis mortes. E aqui me coloco perante vós para me censurar e para me justificar, eu próprio por mim condenado e absolvido.

PRÍNCIPE — Então diga de uma vez o que sabe sobre esse caso.

FREI LOURENÇO — Serei breve, pois o pouco tempo que me sobra de vida é mais curto que uma história longa demais. Romeu, ali morto, era o marido daquela, Julieta; e ela, ali morta, a esposa fiel desse Romeu. Eu os casei, e o dia secreto das núpcias foi o dia da morte de Teobaldo, cujo precoce fim baniu desta cidade o noivo recém-casado. Por ele, e não por Teobaldo, Julieta definhava. O senhor, no intuito de dar fim ao estado de dor de sua filha, arranjou-lhe um contrato de casamento, e a queria casar à força com o conde Páris... Então ela recorre a mim e, com olhar desvairado, suplica-me que invente algum meio de livrá-la desse segundo matrimônio. Caso contrário, suicida-se ali mesmo, em minha cela. Assim foi que lhe dei, instruído por minha arte, uma poção soporífera, que teve o exato efeito por mim desejado, pois forjou nela a aparência da morte. Nesse meio-tempo, escrevi a Romeu para que ele viesse a Verona na data desta noite de horrores para ajudar-me a tirar Julieta de sua falsa sepultura, pois então seria chegada a hora em que o efeito da poção cederia. Porém, o portador de minha correspondência, Frei João, ficou detido em Verona por acidente; e, ontem à noite, devolveu-me a carta. Aconteceu então que eu, sozinho, à hora prevista para o despertar de Julieta, vim até aqui para tirá-la da cripta de sua família, com o intuito de mantê-la em segredo em minha cela até que eu pudesse oportunamente mandar chamar Romeu. Mas quando aqui cheguei... alguns minutos antes da hora de seu despertar... já



estavam mortos o nobre Páris e o fiel Romeu. Ela desperta. E eu lhe peço encarecidamente que vá embora, e que suporte com paciência essa obra do destino. Mas então um barulho afugentou-me da tumba; e ela, desesperada ao extremo, não me acompanhou. Ao que parece, usou de violência contra si mesma. Isso é tudo o que sei. Quanto ao casamento secreto, a ama de Julieta estava a par. Se alguma coisa deu errado por minha culpa, que se sacrifique esta minha vida prolecta a qualquer hora antes de seu tempo. Sob o rigor da mais severa lei.

Um tom de sermão e, depois, faz uma síntese dos acontecimentos.

- *O Frei Lourenço adota, em sua primeira fala, um tom de sermão; e, na segunda fala, faz uma síntese do que acontecera, ou demonstra um tom de irritação por ser considerado suspeito pelo Príncipe, que fala em tom de ordem e inquirição?*

PRÍNCIPE — O senhor sempre foi reconhecidamente um homem santo. Onde está o criado de Romeu? O que pode ele nos dizer sobre isso?

BALTASAR — Levei ao meu amo a notícia da morte de Julieta, e ele, na maior pressa, veio de Mântua até aqui, este lugar, este jazigo. Esta carta ele me pediu que a entregasse a seu pai. E, ao entrar na cripta, ameaçou-me de morte caso eu não fosse embora e o deixasse só.

Não. O tom é de quem ficou satisfeito com as explicações.

- *A voz do Príncipe continua com o tom de inquirição?*
- *Em seu depoimento, Baltasar parece demonstrar medo e insegurança em seu tom de voz, ou parece demonstrar desenvoltura e autoridade?*

Medo e insegurança.

PRÍNCIPE — Dá-me a carta. Quero ver o que diz. Onde está o pajem do conde, que chamou a Guarda? — O que fazia teu amo neste lugar?

PAJEM — Ele trouxe flores para com elas enfeitar o túmulo de sua noiva e ordenou-me que ficasse ao longe, o que eu fiz. Logo chegou alguém, munido de luz, para abrir a tumba. Dali a pouco meu amo sacou da espada contra ele. Então saí correndo para chamar a Guarda.

PRÍNCIPE — Esta carta corrobora as palavras do Frei: o andamento do amor dos dois, a notícia da morte de Julieta, e aqui ele escreve que

comprou veneno de um pobre boticário, depois do que veio até à cripta, para morrer e deitar-se com Julieta. — Onde estão os inimigos? — Capuleto! — Montéquio! — Vejam que maldição recaiu sobre o ódio de vocês, que até mesmo os céus encontraram meios de matar, com amor, as vossas alegrias! E eu, por fechar meus olhos às vossas discórdias, também perdi dois de minha família. Fomos todos punidos.

Sim, o tom de inquirição prossegue.

A fala assume um tom de resignação e lamento diante dos fatos.

Sim: uma mistura de medo e insegurança.

- *A primeira fala do Príncipe segue o tom de inquirição, como se fosse um juiz?*
- *A segunda fala do Príncipe apresenta variação no tom. Identifique essa variação.*
- *O Pajem adota, em seu depoimento, o mesmo tom de voz de Baltasar?*

CAPULETO — Ah, irmão Montéquio, dê-me sua mão. Este é o legado de minha filha, e nada mais tenho a oferecer.

MONTÉQUIO — Mas eu posso oferecer-lhe mais: mandarei construir uma estátua de Julieta em ouro maciço. Enquanto Verona for o nome de nossa cidade, nenhuma imagem terá tanto valor quanto a de Julieta, digna e fiel.

CAPULETO — Pois a estátua de Romeu, também em ouro, estará ao lado da de sua esposa. Pobres vítimas de nossa inimizade!

PRÍNCIPE — Melancólica paz nos traz esta manhã. O sol, de luto, não se mostrará. Embora daqui, vão, e conversem mais sobre esses tristes fatos. Alguns serão perdoados, e outros, punidos, pois jamais houve história mais dolorosa que esta de Julieta e seu Romeu.

(*Saem.*)

É marcada pelo tom dramático, em função do arrependimento de todos por se sentirem, de alguma forma, culpados, pelo que aconteceu.

- *Essa última parte é marcada pelo tom dramático, em função do arrependimento de todos por se sentirem, de alguma forma, culpados, pelo que aconteceu; ou pelo tom de horror diante do que aconteceu e da constatação de que é impossível qualquer reconciliação entre as famílias Montéquio e Capuleto?*

(William Shakespeare. Romeu e Julieta. Trad. Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 1998. p. 147-161).

Na 4ª parada, temos a etapa da contextualização.

Como os adolescentes costumam não ter paciência para a leitura de textos didáticos, decidimos propor uma atividade que pudesse aproximá-los de uma forma mais amistosa do texto. Tente motivar os alunos, desafiando os trios a completarem o trabalho no menor tempo possível. Sugerimos que você dê aos alunos, inicialmente, trinta minutos para "montarem o quebra-cabeça".

## 4ª parada: A escrita de Shakespeare – em cartaz, a dramaturgia elisabetana

1. O texto didático a seguir é um grande quebra-cabeça: suas partes foram embaralhadas. Cada parágrafo é uma das peças do desafio. Siga as dicas:

- Forme um grupo com mais dois colegas, montem o quebra-cabeça e se transformem em “quase especialistas” em Shakespeare.
- Organizem o texto em cinco seções: a) “Um marco da modernidade” (3 parágrafos), b) “O Teatro Elisabetano” (3 parágrafos), c). “As inovações do teatro de Shakespeare: ruptura com a tragédia clássica” (5 parágrafos), d) “Um inventor de palavras” (3 parágrafos), e) “O estilo em *Romeu e Julieta*” 5 parágrafos).
- Coloquem os parágrafos em ordem dentro de cada seção. Para isso, fiquem atentos às ligações entre um parágrafo e outro (que podem ser estabelecidas pela continuidade do assunto e/ou pelo uso de palavras para fazer a conexão). Divirtam-se!



Shakespeare utiliza formas poéticas variadas ao longo de sua obra. *Romeu e Julieta* é rica em poesia, apesar de as traduções para o português insistirem na prosa. Ele escolhe suas formas poéticas de acordo com o personagem que irá falar: Frei Lourenço utiliza o sermão e

a síntese, formas ligadas ao discurso religioso. (Seção 5, parágrafo 1)

Berço do teatro ocidental, a antiga Grécia produziu o drama trágico, caracterizado pela lei das três unidades – ação, espaço, tempo. Mas Shakespeare rompeu essa lei em peças dramáticas como *Hamlet* – escrita entre 1599 e 1601 – e *Otelo* – escrita por volta de 1603 – e foi criador do que se convencionou chamar de cena moderna. (Seção 3, parágrafo 1)

Em reconhecimento dos méritos de Shakespeare no tratamento do vocabulário, não só na criação de palavras, mas também na forma de falar de seus personagens, Machado de Assis teria dito: “O Império Britânico passará, a República Norte-Americana passará, mas Shakespeare permanecerá. Quando não se falar mais inglês, falaremos Shakespeare”. (Seção 4, parágrafo 2)

Inspirados nos circos da época, os teatros elisabetanos inicialmente eram improvisados ao ar livre. Com o aumento da popularidade, foram surgindo os primeiros teatros, que eram construções simples, geralmente circulares ou hexagonais. Disposta próxima ao palco, a plateia era cúmplice da ação dramática: os atores e o texto se comunicavam nas entrelinhas com o espectador, tornando o Teatro Elisabetano uma espécie de metateatro em sua forma. A ausência de grandes cenários ornamentados também facilitava a relação de maior intimidade entre os personagens e o público. Mulheres eram proibidas de atuar, então, todos os papéis femininos eram feitos por atores homens. (Seção 2, parágrafo 2)

Seus personagens vão do desespero à felicidade, em tramas que falam de amor, loucura, guerra, disputa pelo poder, política e liberdade. Todos os protagonistas de Shakespeare têm falhas, não possuem vocação heroica, têm um quê de malvados, podendo realizar a justiça por motivações egoístas, como é o caso de Romeu, que matou Páris, seu concorrente pelo amor de Julieta. Será esse um dos elementos que nos aproximam tanto das personagens shakesperianas? (Seção 1, parágrafo 2)

Na verdade, Romeu tenta usar essa forma de soneto para sensibilizar seu amor, mas Julieta rompe a técnica ao dizer: "Acaso ainda me amas?" Ao fazer isso, ela busca uma expressão verdadeira e sincera, no lugar do exagero poético. Nas falas de Julieta, Shakespeare usa palavras monossilábicas, quando ela está diante de Romeu; e linguagem mais formal quando ela se vê diante de Páris. (Seção 5, parágrafo 4)

Na Inglaterra do século XVI, período da ponderosa rainha Elizabeth, um grupo de jovens escritores começou a escrever peças e deu início ao chamado “teatro elisabetano”, que se tornou muito popular. (Seção 2, parágrafo 1)

A unidade de “lugar” é a que se rompe de forma mais clara. Enquanto as peças gregas e latinas se desenvolviam em um único espaço, geralmente em frente a um palácio, em Shakespeare os

cenários são múltiplos. Com a unidade de ação, a ruptura também é evidente: enquanto no drama grego a ação deve ser centrada no personagem principal – rei, rainha ou outra figura nobre –, na dramaturgia de Shakespeare personagens secundários têm autonomia de confabular e determinar novos rumos. A unidade de tempo também cai por terra: na tragédia grega, desenvolve-se a trama no período de um dia, porque está centrada tão somente na solução do conflito. (Seção 3, parágrafo 2)

Cada uma dessas formas também é moldada à emoção da cena em que o personagem ocupa: Romeu, por exemplo, no início da peça tenta usar o soneto de Petrarca para falar de Rosalina – provavelmente, porque essa forma era frequentemente utilizada pelos homens que queriam elogiar a beleza das mulheres cujo amor era impossível de atingir pela falta de reciprocidade, como na situação dele com Rosalina. Essa forma de soneto também é usada pela Senhora Capuleto, mãe de Julieta, quando ela tenta convencer sua filha de que o Conde Páris é um homem maravilhoso. (Seção 5, parágrafo 2)

Inventar era o verbo preferido de Shakespeare. Quando precisava de uma palavra e ela não existia, ele simplesmente a inventava, embora usasse um vocabulário já muito vasto. Naquele tempo, a língua inglesa ainda estava em formação e contava com cerca de 150 mil palavras. O dramaturgo usou em seus textos quase 20 mil e criou outras três mil. (Seção 4, parágrafo 1)

Quando ocorre o encontro entre Romeu e Julieta, a forma poética muda: do soneto petrarquiano – que estava se tornando ultrapassado na época de Shakespeare – para uma forma mais contemporânea de soneto, que abusa de metáforas. (Seção 5, parágrafo 3)

O jovem William Shakespeare tornou-se o maior expoente dessa época. Tornou-se ator, escreveu peças e virou diretor do prestigiado Teatro Globe, em Londres. Sua trupe era considerada a número um da cidade e se apresentava para todo e qualquer tipo de plateia, conseguindo entreter ao mesmo tempo a nobreza e o povo. (Seção 2, parágrafo 3)

As idas e vindas das paixões também interessavam a Shakespeare. Ele gostava de fazer piadas com temas como o amor e o casamento. As peças *A Megera Domada*, *Sonho de Uma Noite de Verão* e *Muito Barulho por Nada*, escritas no final dos anos 1590, trazem casais que se desencontram e sonham em viver felizes para sempre. Seriam essas peças ancestrais das atuais comédias românticas do cinema? (Seção 3, parágrafo 5)

De um modo geral, podemos dizer que, em *Romeu e Julieta*, Shakespeare utiliza a prosa com mais frequência nas falas das personagens mais pobres, e a poesia predomina nas falas dos mais ricos. O humor, embora a peça seja um drama, é um elemento

importante na obra: foram identificadas cerca de 170 trocadilhos no texto, muitos deles piadas de natureza sexual. (Seção 5, parágrafo 5)

É com Shakespeare que também começou a exploração de novos gêneros, como as comédias românticas e as tragicomédias. Um dos maiores talentos do inglês era para escrever cenas cômicas: o dramaturgo era dono de um humor sagaz e irônico, com diálogos engraçados que surgem muitas vezes em meio à desgraça alheia. (Seção 3, parágrafo 3)

Antes de Shakespeare, principalmente no teatro grego, você tem a tragédia e a comédia sendo tratadas de formas separadas. O que Shakespeare faz é observar que, na vida, a comédia e a tragédia não andam separadamente: em um velório, enquanto uns choram ao lado do caixão, outros podem estar na sala ao lado contando anedotas. Shakespeare convidou essa realidade para subir aos palcos. (Seção 3, parágrafo 4)

O mundo de Shakespeare era um mundo em transição, transformado pelo Renascimento, as Grandes Navegações, a Filosofia de Maquiavel e o heliocentrismo de Copérnico – muito provavelmente você já estudou sobre esses assuntos nas aulas de ciências, história, filosofia... Segundo o crítico norte-americano Harold Bloom, as criações do dramaturgo expressaram o conhecimento e o espírito da época moderna, que definiu a condição humana como entendemos hoje. (Seção 1, parágrafo 1)

Parece que Machado tinha razão. Diversas frases que saíram da boca de seus personagens foram se transformaram em ditos populares. Faça o teste você mesmo – quais delas conhece? “O amor é cego”, “Até tu, Brutus”, “Meu reino por um cavalo”, “Há algo de podre no reino da Dinamarca”, “Isso parece grego pra mim”, “Nem tudo o que reluz é ouro”, “Colocar o carro na frente dos bois”, “O que não tem remédio, remediado está”, “Mais pra lá do que pra cá”, “Dias melhores virão”. (Seção 4, parágrafo 3)

Diferentemente do que acontecera no teatro grego, no qual os seres humanos eram comandados pela vontade dos deuses e do destino. Em Shakespeare, os personagens deixam de ser guiados pelo sobrenatural e assumem uma atitude crítica diante de suas vidas: o homem é o responsável pela construção do próprio destino. Nada mais moderno! Essencialmente o ser humano permanece o mesmo. Será por isso que Shakespeare permanece tão atual? (Seção 1, parágrafo 3)

Na 5ª parada, temos a etapa da “Segunda interpretação”.

Professor, como esta atividade requer ensaios, sugerimos que eles sejam realizados como atividades extra-classe. Reserve tempo de aula apenas para o ensaio final. Pra garantir que todos compreenderam as instruções, leia a 5ª parada como os alunos em sala.

## 5ª parada: Leitura dramatizada de peça de teatro

Agora, que a turma já é quase especialista no assunto, está na hora de fazer uma leitura dramatizada da última cena de “Romeu e Julieta”.

1. Entenda o que é leitura dramatizada e suas principais características, lendo as informações a seguir.

a) A **leitura dramatizada** é a apresentação pública de uma leitura de texto teatral, em que atores interpretam uma peça ou parte dela com o texto em mãos. Ela se faz com palavras e poucos gestos. Nesse tipo de leitura, as rubricas são imprescindíveis para a compreensão do texto.

b) Alguns **elementos da leitura dramatizada**: direção, elenco, ritmo, objetos cênicos, luz e som, programa, leitura propriamente dita.

- **Direção:** em uma leitura dramatizada, o diretor é encarregado, principalmente, de ajudar os “atores” a decidir como cada fala será lida: alegre, triste, melancólica, serena, raivosa? A leitura exige do diretor uma atenção especial para que seus comandados consigam captar o texto e passar a emoção apenas por palavras e poucos gestos. Diretor e elenco devem se orientar pelas discussões feitas na “3ª Parada”.

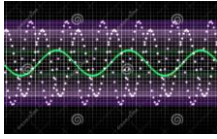


- **Elenco:** Os atores não precisam ser selecionados pelo tipo físico, pois o importante não é o que se vê, mas o que se ouve. É como em uma radionovela, em que as emoções são passadas apenas pela voz. Leituras, portanto, requerem ensaios.





- **Ritmo:** Leituras devem ser ágeis, mais ágeis que a representação porque não têm movimento. Aqui, é importante pontuar as pausas, as respirações etc.



- **Objetos cênicos:** devem ser evitados nas mãos dos atores, pois eles estão segurando o texto.
- **Luz e som:** uma leitura pode ser realizadas sem efeitos de luz e som. Caso se decida por usá-los, eles devem ser simples, para não tirar a atenção da leitura propriamente dita.

"As Aventuras do Príncipe Zambar"	
de UBRATAN LUSTOSA	
ELENCO	
DANILO AVELLEBA.....	Paite
VERA EVANGELISTA.....	Rafael
DANIEL SOBRINHO.....	Zambar
AILTON SERRES.....	Quênia Líbano
TEREZA SARAIVA.....	Júli
LOURIVAL RENSEN.....	Zé Sérgio
FICHA TÉCNICA	
CENOGRAFIA.....	Altair Sérgio
ENSIUNÇÃO DOS CENÁRIOS.....	Antonio Passaro
FIGURINOS.....	Daniilo Avelleba
ENSIUNÇÃO DOS FIGURINOS.....	Tereza Saraiva
ILUMINAÇÃO.....	Júlio Francisco Z. Daniel
SONOPLASTIA.....	Júlio Wilson de Sousa
DIREÇÃO.....	Hugo Duarte
ASSISTENTE DIREÇÃO.....	Daniilo Avelleba

- **Programa:** pode ser preparado um programa simples, com o nome do autor, e indicação do elenco e da ficha técnica da peça.

- **Leitura propriamente dita:** antes de iniciar a leitura, o ideal é fazer uma apresentação do autor, do diretor e do elenco. Como Shakespeare é bastante conhecido, é bom citar seus principais trabalhos, falar sobre o período no qual a peça foi escrita, onde foi apresentada anteriormente e outras informações que a turma considera interessantes e enriquecedoras.

## 2. Veja algumas dicas de como realizar a leitura dramatizada.

- A organização depende do número de alunos da turma: o ideal é que se formem grupos de vinte pessoas.
- Em seguida, decidam quem fará o quê na leitura dramatizada. Não só os atores são importantes, pois a montagem é um processo coletivo e o sucesso depende da equipe.
- Marquem, com o professor, a data da apresentação e, em seguida, deem início aos ensaios – fiquem atentos para que

esses momentos sejam realmente levados a sério.

- Façam o convite para a leitura dramatizada, ilustrando-o com motivos ligados ao tema do texto lido.
- Confeccionem cartazes para divulgar a leitura, espalhando-os pela escola: isso ajuda a criar o clima para o grande dia.
- Decidam onde os atores ficarão sentados e confeccionem crachás de mesa, dobrando uma folha de papel ao meio, como a imagem a seguir... E escrevam os nomes das personagens.



- Coloquem o crachá em frente ao ator que está interpretando o respectivo personagem. O crachá só deverá ser posicionado em pé, como na imagem, quando a personagem estiver em cena. Quando o ator não participar da cena, deve baixar o crachá, para sinalizar a saída para o público.

Nesta seção, temos a etapa da “expansão”. Como a sequência é para o ensino médio, a expansão foi direcionada para o Enem.

Solilóquio é o ato de alguém conversar consigo mesmo. A questão faz referência ao existencialismo e a alguns de seus elementos essenciais: a tensão entre a consciência individual e a sensação de angústia que não consegue ser superada mesmo com a atividade reflexiva. Em “Ser ou não ser – eis a questão”, Shakespeare sintetiza a essência do drama existencialista.

# DESEMBARQUE

## PORTÃO 1

1. A questão abaixo foi retirada da prova do ENEM de 2016.

Ser ou não ser – eis a questão.

Morrer – dormir – Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!

Os sonhos que hão de vir no sono da morte

Quando tivermos escapado ao tumulto vital

Nos obrigam a hesitar: e é essa a reflexão

Que dá à desventura uma vida tão longa.

(SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. Porto Alegre: L&PM, 2007).

Este solilóquio pode ser considerado um precursor do existencialismo ao enfatizar a tensão entre

- a) consciência de si e angústia humana. X
- b) inevitabilidade do destino e incerteza moral.
- c) tragicidade da personagem e ordem do mundo.
- d) racionalidade argumentativa e loucura iminente.
- e) dependência paterna e impossibilidade de ação.

2. Converse, com os colegas e o professor, para justificar a sua escolha.

## PORTÃO 2

1. Faça uma questão para compor o Banco de Estudos para o Enem.



Leia as instruções gerais para a elaboração da questão.

### **Na elaboração dos enunciados:**

- *Redija o enunciado da instrução de forma direta, sem “pegadinhas” e sem termos como “exceto”, “incorreto”.*
- *Elimine o que não for essencial à compreensão do que deve ser feito, pois, assim, evita-se que o aluno erre a questão por não compreender o que estava sendo perguntado.*

### **Na elaboração das alternativas:**

- *Elabore a questão de múltipla escolha com cinco alternativas.*
- *Não utilize termos como “sempre”, “nunca”, “todo”, “totalmente”; não redija respostas do tipo “nenhuma das opções anteriores” ou “todas as opções anteriores”; redija de maneira a impedir que os alunos acertem o item por exclusão; redija respostas com a mesma extensão aproximadamente; coloque as opções em ordem alfabética.*
- *Assinale a alternativa correta da questão elaborada.*
- *Forme dupla com um colega.*
- *Elaborem a questão a partir dos conteúdos do texto didático da “4ª parada”.*
- *Retomem o conto que vocês leram para participar da comunidade de leitores.*
- *Entreguem a questão ao professor, para revisão. Depois, a questão fará parte do “Banco de Estudos para o Enem” da turma.*

## PORTÃO 3

### Proposta de Redação

A partir dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo, de até 30 linhas, na modalidade escrita formal da língua portuguesa, sobre o tema **“Caminhos para se evitar a justiça com as próprias mãos”**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para a defesa de seu ponto de vista.

#### TEXTO 1

“Justiça primeiramente é a de Deus. A segunda é a que você faz com as próprias mãos. Porque polícia não faz nada, não.” A frase é de uma jovem mãe cujo irmão foi morto só porque ela é casada com um integrante da família Veras, envolta em uma sangrenta cadeia de vinganças que já dura 20 anos. Ela sintetiza a mentalidade e a dinâmica da briga entre os Veras e os Oliveiras, na pacata cidade de Brejo dos Santos, de 6 mil habitantes, perto da divisa da Paraíba com o Rio Grande do Norte. Iniciada com um mal-entendido em um bar do mercado, a briga já matou mais de cem pessoas, e tornou Brejo dos Santos a cidade mais violenta do Brasil.

A pequena cidade não tem problemas de roubos nem de drogas – que usualmente levam a mortes violentas. Mas, em 2013, registrou 13 homicídios, o que representa 217 por 100 mil habitantes – mais do dobro do país mais violento do mundo, Honduras. Levantamento do Estadão Dados mostra que esse foi o índice mais alto do Brasil, segundo os registros do Sistema Único de Saúde.

(...)

A polícia se queixa da dificuldade inerente de apurar esse tipo de crime. Parentes das vítimas evitam denunciar os autores, não só por medo, mas também para não recaírem sobre eles as suspeitas de uma vingança que já estejam tramando. “Mesmo com o reforço, a gente não conseguia impedir, porque os crimes aconteciam em locais às vezes inesperados – um sítio, uma roça –, e quando a gente saía em diligência para fazer o levantamento de uma denúncia, eles aproveitavam aquele espaço deixado aberto”, conta o tenente. “A população em geral não estava ajudando a PM, até porque eles queriam que a polícia saísse do cenário para continuar esse ciclo de vingança.”

(...)

## TEXTO 2



## TEXTO 3

O Código Penal Brasileiro prevê uma modalidade de crime, pouco conhecida, qual seja o exercício arbitrário das próprias razões, previsto no artigo 345 do citado código.

Neste sentido, ensina a lei:

*Art. 345 – Fazer justiça pelas próprias mãos, para satisfazer pretensão, embora legítima, salvo quando a lei o permite.*

*Pena – detenção, de quinze dias a um mês, ou multa, além da pena correspondente à violência.*

O dispositivo legal preleciona que é crime fazer justiça pelas próprias mãos para satisfazer pretensão esta sendo ou não legítima, assim, será crime mesmo quando o autor almejar o que é justo.

**Anote no caderno observações sobre os textos lidos.**

## REFERÊNCIAS

- ALVES, J.H.P. **O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino.** In: DALVI; REZENDE; FALEIROS (orgs.). **Leitura de literatura na escola.** SP: Parábola, 2013.
- ALVES, Aletéia Eleutério; E SPÍNDOLA, Ana Lúcia; MASSUIA, Caroline Sanchez. **Oralidade, fantasia e infância: Há lugar para os contos de fadas na escola?** In: BARROS, Fernanda. **O professor e a produção de textos escritos: o que se ensina quando se ensina a escrever? Por que se ensina o que se ensina?** Tese de doutorado. Orientação: Janice Marinho. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- BARROS, Fernanda Pinheiro; MARIZ, Luciana; PEREIRA, Camila Sequetto. **Universos: Língua Portuguesa, 7º ano: anos finais: Ensino Fundamental.** 3ª ed. São Paulo. Edições SM, 2015
- BARROS, Maria do Rozário Starling de; SETTE, Maria das Graças Leão; \_\_\_\_\_ Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC/SEF, 2017.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil.** SP: Brasiliense, 2006 (coleção primeiros passos; 163).
- CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (orgs). **Práticas de leitura e escrita.** Brasília. Ministério da Educação, 2006.
- COIMBRA, Ludmila Scarano Barros. **O letramento literário no livro didático de espanhol: Tem pedra no caminho?** Tese de doutorado. Orientação: Márcia Paraquett. Salvador: UFBA, 2018.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** 1 ed. SP. Contexto, 2007.
- COSSON, Rildo. **O espaço da literatura na sala de aula.** In: COSSON, Rildo; MACIEL, Francisca; PAIVA, Aparecida (orgs). **Literatura: Ensino Fundamental.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário.** In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; DALVI, M. A; REZENDE, N.L; **Leitura de literatura na escola** (orgs). São Paulo: Parábola, 2013.
- JOVER-FALEIROS, R. **Sobre o prazer e o dever de ler: Figurações de leitores e modelos de ensino da literatura.** In: DALVI; REZENDE; FALEIROS (orgs.). **Leitura de literatura na escola.** SP: Parábola, 2013.
- LUDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** 12 ed. São Paulo: EPU, 2010.
- MARTINS, Milena Ribeiro; SILVA, Márcia da. **Experiências de leitura no contexto escolar.** In: COSSON, Rildo; MACIEL, Francisca; PAIVA, Aparecida (orgs). **Literatura: Ensino Fundamental.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **O professor como mediador das leituras literárias.** In: COSSON, Rildo; MACIEL, Francisca; PAIVA, Aparecida (orgs). **Literatura: Ensino Fundamental.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- OLIVEIRA, Florêncio Caldas de. **O ensino de literatura na perspectiva dos gêneros literários: Uma proposta de trabalho.** Tese de Doutorado em Letras na



área de concentração Literatura e Cultura – Linha de pesquisa Literatura e Ensino. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba,2010.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; CORRÊA, Hercule; VERSIANI, Zélia (orgs). **Literatura: Saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale; autêntica,2007.

PAULINO, Graça. **Literatura: participação e prazer**. ed. rev. e ampl. São Paulo: FTD,1988.

PAULINO, Graça (et al.). **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato editorial,2001. (Educador em formação)

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

PEREIRA, Camila Sequetto.**Manual do professor**. In: BARROS, Fernanda Pinheiro; MARIZ, Luciana; PEREIRA, Camila Sequetto. **Universos: Língua Portuguesa, 7º ano: anos finais: Ensino Fundamental**. 3ªed. São Paulo. Edições SM,2015.

POE, Edgar Allan.**O gato preto**. *Histórias extraordinárias*. Tradução de Breno Silveira e outros. São Paulo: abril Cultural,1981, p.41.

POSSENTI, Sírio. **Interpretação de leitura**. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs.). Glossário Ceale: **Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação,2014.

POSSENTI, S. **A leitura errada existe**. In: BARZOTTO, V. (org.). **Estado da leitura**. Campinas: ALB-Mercado de Letras, 2009.p.169 -178.

ROUXEL, Annie. **Práticas de leitura: Quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor**. In: Cadernos de pesquisa, FCC, v.42, n.145, jan. /abr.2012,272-283.

ROUXEL, Annie. **Aspectos Metodológicos do ensino de literatura**. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola,2013.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard (orgs). Tradução de REZENDE, Neide Luzia de (et al. **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda,2013.

ROUXEL, Annie. “**Ensino da literatura: Experiência estética e formação do leitor**”. In: ALVES, José Hélder Pinheiro (org.). **Memórias da Borborema 4 - Discutindo a Literatura e seu ensino**. Campina Grande (PB): ABRALIC,2014, p.19-36.

ROUXEL, Annie; REZENDE, Neide Luzia; OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. “**Um sujeito para a literatura na escola**. Entrevista com Annie Rouxel”. In: *Revista Teias*.v.16, n.41,2015, p.290-294.

SOARES, Magda. **Ler, verbo transitivo**. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs.). **Leituras literárias: Discursos transitivos**.1 reimpressão. Belo Horizonte: Ceale, autêntica,2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6.ed.Porto Alegre: Artmed,1998.

ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009